

TRADUÇÃO E IMAGEM – REPRODUTIBILIDADE DE IMAGINÁRIO NO QUIXOTE

Edmilson Rodrigues
Doutorado/UFF

Orientadora: Lygia Rodrigues Vianna Peres

À minha Pororoca e meu Davi Pablo.

Traduzir é compartilhar vocações; é dividir e saborear o fruto da árvore do mundo é, também, recriar laços de parentesco; é a mais antiga, a mais durável e humana das paixões e do talento, ainda que com suas contradições. Os tradutores, como os artistas, são também, aqueles que conseguem capturar e reorganizar a totalidade harmoniosa da vida e, indubitavelmente, torna-la, um instrumento de desenvolvimento e descobertas, bem como de reflexão.

Desde os tempos imemoriais que o homem tem a vocação do aproximar-se de outras regiões, e, através da tradução, isto foi possível. A tradução sempre reside neste albergue – do outro lado. Mesmo quando a tradução é do próprio idioma, ela apresenta algo que está do outro lado, o diferente. O idioma do século XVIII do Brasil está do outro lado de qualquer século, que o difere.

O livro ilustrado é uma forma expressiva da sensibilidade humana traduzível. Na arte de ilustrar o livro, o artista traduz sua dimensão de homem e sua visão de mundo. Quanto mais lemos uma obra ilustrada mais descobrimos os labirintos da leitura, da interpretação, e, neste caso específico, das interpretações, a ilustração como o texto verbal carece de interpretações.

Estamos diante de duas leituras – uma do leitor ‘presente’ que somos nós, das obras artísticas, e a outra do leitor ‘potencial’ que a traduz em imagens, demonstrando desta forma, outra dimensão metodológica da leitura do livro ilustrado – a interpretação hermenêutica dos textos. O texto, pelo olhar do ilustrador, é retomado na sua dimensão total. Como no caso das ilustrações do Quixote que desde o primeiro momento de sua

aparência foi objeto de tradução intersemiótica. Ampliam-se assim, “em sua combinação – como esclarece Scott (2011: 19) – entre meios de expressão espaciais (imagem) e temporais (palavra)”. O que justifica que no livro com ilustração, o ilustrador resgata fragmentos ou a totalidade da obra para pô-la em evidência. As palavras nasceram com o intuito da narrativa, os signos icônicos nascem com o objetivo de descrever, ou melhor, representar o texto originando “dois tipos paralelos de comunicação, o visual e o verbal”. Scott (2011: 13).

Para Scott (2011: 21) O livro ilustrado possui complexas inter-relações entre palavra e imagem. Enquanto que no livro com ilustração tais relações são menos complexas, posto que a ilustração parte de um saber, quase sempre, já conhecido e assimilado pelo patrimônio iconográfico dos ilustradores. A ilustração é um fragmento do texto que tão logo é percebido na leitura, direcionada, ou não, pela aventura de encontrar o excerto que originou o texto visual. Vejam a ilustração (fig 1) relativa ao excerto *vendió muchas fanegas de tierra de sembradura para comprar libros de cavalleirías en que leer, y, así, llevó a su casa todos cuánto pudo de ellos* (os livros) Quixote I, 1 (2005: 28)

Sabemos que “A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, 1975: 65).

E como estamos colocando a tradução do primeiro capítulo da obra teve poucos tradutores imagéticos que se preocuparam em traduzir outros excertos além dos que estavam consagrados pela tradução imagética. Isto desde sua origem até a contemporaneidade, pois

Todas elas parecem fazer parte de um *apparatus* complexo e híbrido, em que as fronteiras entre o analógico e o digital são apagadas e as particularidades das diferentes formas representativas e das diversas tecnologias são facilmente traduzíveis entre si. Schollhammer (2007: 157)

Desse modo, a tradução intersemiótica é também, um trabalho cabalístico, pois está centrado na revelação, como fator de apresentação do que está do outro lado; e como criação que aproxima o distante, na leitura provável, unindo um em dois: autor e leitor, mediatizados pelo texto, o que resulta três em quatro: autor, tradutor e leitor, mediados pelo texto (este absoluto, totalmente ou, parcialmente desconhecido); e ainda,

como fator de iniciação ao noviço que não tem acesso ao que está na outra face: o idioma estrangeiro e sua cultura: o que era vazio para ele, o desconhecido, torna-se, pela tarefa dos tradutores, o começo de uma longa viagem, o atravessar para alhures.

A tarefa do tradutor é um pouco esta – recortar do don Quijote, imagens traduzíveis. Vejamos o excerto que traduz a fig 2 En resolución, él se enfrascó tanto en su lectura, que se le pasaban las noches leyendo de claro en claro, y los días de turbio en turbio. Quixote I, 1 (2005: 29).

A arte de Cervantes, pela tarefa do tradutor, projeta-se por todo o século XX, ligada a diversos fatores: gosto, interesse pelas literaturas estrangeiras, aclimação contemporânea, desvelamento do estético e isto acompanha o trabalho dos tradutores.

A tradução contém algo da metáfora da provisoriedade do estético, como ilustra Campos (1969). Há teóricos da tradução que dizem que o texto literário dura no tempo e a tradução tende a ser provisória, sua durabilidade é breve e morre tão logo venha outro tradutor e sua tarefa. Isto, no entanto, não acontece com as traduções imagéticas que tanto quanto o texto verbal.

A tarefa do tradutor, assim, é árdua e importante, pois tem seu lugar no mercado, ele proporciona o aparecer da mercadoria, a obra, ao consumidor. Pois, pensando com Ortega y Gasset (1937: 43), *la traducción no es la obra, sino un camino hacia la obra*, e, o tradutor, a insere na história e na sociedade. Não é por acaso que o Quixote é uma das obras mais traduzidas, adaptadas e transmutadas para diversas tecnologias e suportes.

Tratamos da tradução naquilo que Wellek e Warren (1971) chamaram campo largo de investigação: o domínio da literatura com outras artes.

E também tratamos da tradução como diálogo entre línguas diferentes, quando o texto de partida é recepcionado pelo texto de chegada noutra língua: interlingual; e quando nos referimos a fatos e elementos que apenas existiam no nosso imaginário, (signos verbais por meio de outros signos da mesma língua) e as relacionamos com palavras, tal fenômeno possibilita a tradução intralingual ou reformulação; e também, ao traduzirmos expressões e fórmulas recebidas por convenções sociais, indo mais além do que está posto por palavras, temos a tradução sociolinguística; e mais, quando interpretamos uma obra de arte noutra linguagem, seja ela no cinema ou na TV, ou, da tela para o poema, ou tentamos interpretar um gesto, um ato de cortesia, “estamos lidando com a interpretação inter-semiótica ou transmutação”. (JAKOBSON, 1975: 63).

Dito isto, vale agora fixar o nosso ponto de vista, na tradução intersemiótica ou transmutação, como esclarece o teórico.

Ilustrações como processo de criação

Chamamos ilustrações os signos visuais que, embora possuindo uma certa autonomia de existência, ocupam um lugar no interior do escrito e foram criadas a partir de um texto ou acopladas a ele, criando assim uma relação permanente entre as duas linguagens.

Entendemos a ilustração como um trabalho de tradução por conter “aquele júbilo particular que vem de uma beleza não para a contemplação, mas de uma beleza para a ação ou em ação” (CAMPOS, 1976: 35)

Em traduções do verbal para o não verbal, devemos ter o olhar atento e cauteloso, bem como habilidade vigilante, pois, *Estamos en presencia de lo que es, sin duda, el más complejo tipo de acontecimientos producidos hasta ahora en el cosmos* (STEINER, 1975: 68). A tradução e dentro desse universo a transmutação.

Para Ortega y Gasset (1937: 43), *la traducción no es la obra, sino un camino hacia la obra*. Como facilitar ou permitir ao leitor chegar até ela, com tantos desvios, tantas digressões no percurso de chegada?

No entanto, nas traduções houve *transferências* de imagens nas traduções. No primeiro momento o tradutor transferiu do que vinha sendo recorrente, o que era uma constante; e já na segunda tradução, houve outra transferência. Fig (3). Segundo Silegmann-Silva, (2001: 31) “A pintura teria a aparente vantagem de mostrar as suas imagens ‘de uma vez’, ‘*auf einmal*’; mas ela exige do observador qual impressão (*Eindruck*) essas imagens devem gerar”, no momento de criação do ilustrador e na de leitura do leitor.

Destarte, o tradutor de imagens estabeleceu relações de sua tradução com as formas já realizadas e pode cometer as mesmas digressões doutros, apenas transferindo partes. O teórico diz que, “no entanto, efetuar uma operação em que o texto da LM – ou, melhor, partes do texto da LM – tenha(m) *valores estabelecidos na LF*: em outras palavras, tenha(m) *significados da LF*, Chamamos a esse processo *transferência*.” Fig (2). Pois houve ainda, com relação ao tradutor, o dilema de Ricouer (2012: 7-8), do

intraduzível e do traduzível por uma alternativa prática: fidelidade *versus* traição. O tradutor de imagens foi fiel a quem? Podemos dizer que as imagens são revisitações de outras imagens. Assim, o tradutor de imagens deve permanecer em constante vigilância, só que a tradução após o lançamento – diferentemente do original, que pode ser corrigido, na edição seguinte – permanece com seu vulto de “correspondente exato” de sentido do original. Pois em muitas traduções imagéticas houve “equivalência(s) completa(s) entre as unidades de código” (JAKOBSON, 1975: 65). Confira a fig 4.

As obras de Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha* de 1605 e 1615 sofreram dilúvios de acontecimentos a que estão sujeitas todas as obras literárias, com essa magnitude, bem traduzidas em imagens ou não, que é um pouco do dilema também, do tradutor como leitor e do leitor como tradutor.

Cervantes “tradutor/introdutor” da tradução

Como nos diz Seligmann-Silva (2011: 10) “O tradutor/introdutor é um leitor privilegiado que teve a chance de conviver durante muito tempo próximo ao texto – de modo íntimo.” A Cervantes foi possibilitado este convívio do qual pode fazer as reflexões acerca das traduções, suas dificuldades, sua importância econômica e cultural. Além das questões discursivas acerca da autoria, inclusive da própria criação, evidenciando um diferencial entre traduzir e criar, com veremos adiante.

Desde há muito que a tarefa do tradutor é tida como uma atividade menor, menos significativa; isto está patente também, no *don Quijote*, quando o narrador após um longo diálogo, no capítulo LXII da segunda parte, começa por questionar a invisibilidade do tradutor: *Osaré yo – dijo Don Quijote – que no es vuesa merced conocido en el mundo, enemigo siempre de premiar los floridos ingenios*. *Quijote* (II, LXII: 1032).

Temos outros diálogos que tratam da presença do tradutor e da autoria do *Quijote*, quando o narrador se apresenta como uma espécie de editor e comentarista dos fatos, traduzidos por Cide Hamete Benengeli que se compromete de *traducirlos bien y fielmente y con mucha brevedad, a historia do cavaleiro da triste figura*. *Quijote* (I, IX: 86).

No texto que *no le arguye el que traslada ni el que copia un papel de otro papel*, *Quijote*, (II, LXII: 1032), nos serve para perceber como o tradutor, para Cervantes, é

considerado um copiador, um ser sem muita importância que somente desloca o texto, de um lugar para outro, provocando a invisibilidade do tradutor, por ser aquele que transcreve o texto ao universo dos leitores, sem que ele, o leitor o perceba. São reflexões sobre o ato de traduzir e da tarefa do tradutor, que deduzimos por fidelidade de leitura de tradução, *donde felizmente ponen en duda cuál es la traducción y cuál es el original*. Quijote, (II, LXII: 1032). O que significa dizer que a tarefa do tradutor foi adequada, porém, questionável.

A tradução – voltamos ao capítulo IX – foi possível, pela vontade da memória de leitura, quando ouve o nome de Dulcineia de Toboso o ouvinte/leitor fica surpreso e em estado de êxtase – *Cuando yo oí decir Dulcinea del Toboso, quedé atónito y suspenso*, Quijote, (II, LXII: 1032). O leitor deseja surrupiar a obra para si, quer se apropriar dos fatos e dos papéis; transforma-se no ser da compulsão, é vocacionado à posse, ao desejo do toque. A obra desperta um jogo simbólico de olhar envolto em desejos, em vultos que ele quer próximos, traduzidos em afetos proporcionados pela imagem que emana da leitura – *le truje a mi casa, donde en poco más de mes y medio la tradujo todo*, Quijote (I, IX: 87).

O narrador compara a ocupação de traduzir com coisas insignificantes, sem proveito. Y no por esto quiero inferir que no sea loable este ejercicio del traducir, porque en otras cosas peores se podría ocupar el hombre y que menos provecho le trujesen. Quijote, (II, LXII: 1032).

Continuando sua reflexão, temos um posicionamento mais cauteloso à tarefa do tradutor e, as elogia. Cervantes, na voz do narrador, enuncia:

Fuera de esta cuenta van los dos famosos traductores: el uno el doctor Cristóbal de Figueroa, en su Pastor fido, y el otro Juan de Jáuriguí, en su Aminta, donde felizmente ponen en duda cuál es la traducción y cuál es el original. Quijote, (II, LXII: 1032).

O menosprezo do tradutor é algo cultural percebido desde antanho. Um trabalho interessante seria rastrear essa invisibilidade nas obras literárias, ou a presença dele; o que nos faz lembrar outra obra da literatura espanhola – *Dialogo de la lengua*, de Juan de Valdés com os diálogos de Pacheco e Valdés sobre o ato de traduzir vocábulos do latim para o castelhano.

Disse Rónai (1981: 22), que “Mais de uma vez o tradutor tem sido comparado a artistas: ao cantor que canta uma canção escrita por outro, ao músico que num

instrumento toca uma música escrita para outro instrumento”. Os tradutores parecem não fazer parte do processo de dinamização da leitura. Mas ele é também, um ser que participa da cadeia de desenvolvimento do livro. O autor como produtor, na ideia de Benjamin (1994: 127), “Limito-me aqui a aludir à diferença essencial que existe entre abastecer um aparelho produtivo e modifica-lo”. Abastecer o mercado com livros, modificando-o com novas traduções, é também, a atividade do tradutor como ser do mercado editorial.

O tradutor é um ser pensante e produtor de conhecimento, ainda que o conhecimento seja gestado pelo estrangeiro, ainda assim, ele é coparticipante do conhecimento. Pois, “por entender que – com Ari Roitman in Cortázar (2001: 07) –, qualquer desconstrução, para ser fecunda e produzir o novo, deve provir de um artesão já experimentado na arte de construir.”, na arte de traduzir, acrescentamos. Seu artefato – como na metáfora do artesão – é sempre reprodução, duplicação, arte que faz dele um produtor de bens culturais.

Não resta dúvida que o tradutor imagético como todos os demais, fazem parte desse processo e estão inseridos neste espaço de trocas simbólicas.

É ainda Rónai (1981) quem compara o tradutor “ao pintor que copia em óleo um pastel; ao ilustrador de um livro; ao ator que encara os mais diversos papéis (Juliusz Zulawski)” Rónai (1981: 22). Encerrando esta compilação de comparações, vejamos: “André Gide, tradutor ele mesmo, comparou a profissão à de um picador que pretendesse levar o próprio cavalo a executar movimentos que não lhe fossem naturais.” Rónai (1981: 21). E para não dizer que não falei pela voz de uma tradutora, vejamos Flávia Nascimento (1996), ao dialogar com Goethe.

A tradução literária é um trabalho ingrato. Goethe, tradutor ele mesmo, dizia que os tradutores não passam de ‘alcoviteiros que nos elogiam uma beldade meio velada como altamente digna de amor e que excitam em nós uma curiosidade irresistível de conhecer o original’. No caso de *O camponês de Paris*, (...) “o alcoviteiro-tradutor” depara-se incessantemente com alguns dos problemas mais árduos que sua tarefa impõe: a riqueza de imagens, de aliterações e rimas em muitos trechos do texto, o emprego abundante de topônimos. (NASCIMENTO 1996: 28-29).

Pela presença dos recursos de citações, a presença do tradutor incomoda e dá o tom do desacordo. Há autores que preferem não ter suas obras traduzidas; há os que se acham tão bem traduzidos que cobrem o tradutor de elogios, e tem a tradução como um

trabalho a quatro mãos. Como entre Guimarães Rosa e seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri: “sinto que há uma correspondência íntima, um tom anímico de família, um parentesco entre nós dois: eu “contínuo”, no texto seu italiano, e, não duvide, em muitas passagens me sinto superado, ultrapassado.” (ROSA, 2003: 26). Tal elogio, não é o de um escritor deslocado da arte da literatura, e não foi o crítico Rosa, mas o homem escritor, Guimarães Rosa, quem o declarou mais de uma vez, elogiando o estilo do tradutor, a qualidade da obra traduzida e do conjunto das traduções.

Em tudo, constante, V. é sempre o mesmo – tudo em que toca, toma valor. Sua carta, ela própria, e a lista com as “dúvidas”, trazem, em cada linha, trazem, digo, a marca da inteligência sem cochilar e esse jeito de agarrar as coisas com mão sutil e firme. Já me vejo, enfim, vantajosamente traduzido. Sem piada: quem quiser realmente ler e entender G. Rosa, depois, terá de ir às edições italianas. (*Ibidem*: 37).

Em nosso caso, não temos documentação, para advogar sobre o trabalho do tradutor, isto tudo é somente para refletir, acerca deste profissional que desde a obra inaugural do romance já aparece como ser da preocupação dos escritores.

Conclusão

O leitor é aquele que busca o texto por algo que falta, por vocações, vontades e necessidade de conhecer, vontade de desvelar, de doar-se e transportar a obra até os píncaros da durabilidade em contínuo de posteridade; e quando encontra o objeto procurado se sente amparado.

Dá a importância da obra ser creditável de certezas em diálogo com o original. O tradutor de imagens, como disse Manguel (1997) é um leitor, pois traduziu a leitura de suas metáforas em imagens. “Ele – tradutor, segundo Seligmann-Silva (2011, p. 10) – conhece e venera a sua beleza, assim como conhece e talvez até ame os seus defeitos, (...) Ele é uma modalidade do leitor forte bloomiano – ou ao menos pretende sê-lo.”

No *don Quijote de la Mancha*, existe entre leitor e tradutor, uma operação necessária de busca de deciframentos; para aquele enquanto leitor-tradutor e para este como tradutor/leitor. Ambos se traduzem, se descobrem na decodificação do objeto lido. Entre eles existe uma operação de decifração e interpretação, que resulta na tradução, pensamos que,

El modelo “emisor a receptor”, que atualiza todo proceso semiológico y semântico, es ontológicamente equivalente al modelo “lengua-fuente, lengua-receptora”, empleado en la teoría de la traducción. En ambos esquemas existe “en medio” una operación de desciframiento e interpretación, una sinapsis o una codificación y decodificación. (STEINER, 1975: 67)

A tradução em imagens entendida en el sentido apropiado, es un segmento especial del arco de la comunicación que todo acto verbal efectivo describe en el interior de una lengua determinada Steiner (*Idem*), ainda que com a marca das digressões e desvios impossíveis.

A diferença entre a tarefa do tradutor e do escritor não quer dizer que eles lidam com objetos de estudos diferentes, mas que lidam com os mesmos objetos de modo diferente – a arte como prática de criar formas perceptíveis de expressão do sentimento humano: tradução em imagens. Pois, se toda a verdade do texto literário é traduzível em imagens, é porque o traduzível do texto literário é verdadeiro – acredita o leitor incipiente – ainda que com omissões e digressões doutros tradutores imagéticos.

Referências

ARAGON, Louis. *O camponês de Paris*. Tradução Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CATFORD, John Cunnison. *Uma teoria da linguística da tradução*. Tradução do centro de especialização de tradutores de inglês do instituto de letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix, 1980.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la mancha*. España: Aguilar, 1961.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la mancha*. España: PML, 1994. 554 p. Vol I e II. Clásicos españoles.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la mancha*. Presentación Mario Vargas Llosa, Francisco Ayala, Martín de Riquer. Notas Francisco Rico. Edición del IV Centenario. Madrid: Real Academia, 2005.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la mancha*. Tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo. Precedido por Júlio Cejador, Justo García Soriano, Justo García Morales. Ilustrações Gustavo Doré. Rio de Janeiro: Aguilar, 1983.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la mancha*. Tradução e notas Eugenio Amado. Introdução Júlio G. García Morejón. Ilustrações Gustavo Doré. 2ª edição Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la mancha*. Tradução prefácio e notas Eugenio Amado. Introdução Lucílio Mariano Jr. Ilustrações Gustavo Doré. 5ª edição. Belo Horizonte: Vila Rica, 2005.

CORTÁZAR, Julio. *Os reis*. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: 2001.

GENETTE, Gerard. *Peritextos Editoriais*. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial. 2001.

ISER, W. *O ato de leitura*. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: cultrix, 1975.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo Ática, 1996.

LESSING, Gotthold Ephraim. *Laoconte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia*. Iluminuras, São Paulo: 2011.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens – uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MILLER, J. Hillis. *A ética da leitura*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e Prefácio de Dominique Aury São Paulo: Cultrix, 1975.

PICHOIS, Brunel & ROUSSEAU, André-M. *La literatura comparada*. Tradução Germán Colón Doménech. Dirigida por Dámsó Alonso. Madrid: Gredos, 1969.

RICOUER, Paul. *Sobre tradução*. Tradução e prefácio Patrícia Lavelle. 1ª. reimpressão Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RONÁI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

ROSA, Guimarães. *Correspondências com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Editora UFMG/Nova Fronteira, 2003.

RUIZ, Maldonado. *Cervantes su vida y sus obras*. España: Labor, 1947.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Além do visível: o olhar da literatura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

SCOTT, Carole & NIKOLAJEVA, Maria. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

STEINER, G. *Después de Babel, aspectos del lenguaje y la traducción*. México: Fondo de Cultura: 1975.

THEODOR, Erwin. *Tradução: ofício e arte*. Prefácio, introdução e tradução Paulo Ronai, São Paulo: Cultrix, 1976.